

## E DA TV SE FEZ CINEMA, TEATRO, PINTURA: A ESTÉTICA EDUCATIVA DE LUIZ FERNANDO CARVALHO & OUTRAS HISTÓRIAS

Michelle dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Este projeto quer investigar a linguagem de Luiz Fernando Carvalho e a sua recepção pelos telespectadores brasileiros a partir da cobertura dada pelos jornais *Super Notícia* (MG), *Folha de São Paulo* (SP) e *O Globo* (RJ) às minisséries *A Pedra do Reino* (2007), *Capitu* (2008) e *Afinal, o que querem as mulheres?* (2010), tendo em vista que a expectativa primordial do diretor ao gravar é a reeducação do público de televisão no país. Entendemos que suas obras são um marco na história da teledramaturgia, especialmente a partir da minissérie *Hoje é dia de Maria* (Primeira e Segunda Jornadas, 2005). É no universo cinematográfico que ele busca inspiração para compor suas cenas, embora, no intuito de compreendê-las, seja necessário reconhecer seus diálogos intensos e profícuos também com a literatura, o teatro e as artes plásticas. Sendo a educação visual um corolário da estética de Luiz Fernando Carvalho, interessa-nos ainda refletir sobre a TV como fonte de aprendizado bem como sobre o seu poder sócio-pedagógico. Tudo isso sintonizado aos estudos históricos dos registros audiovisuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** TV; Minissérie; Luiz Fernando Carvalho; Educação; Arte.

### Prolegômenos: ainda necessários?

Dedicar atenção e energia ao que há décadas vem sendo chamado de “espetáculo do pobre”<sup>2</sup>, “mídia vendida”<sup>3</sup>, o que já escancara sua função manipuladora e praticamente exige uma abordagem que privilegie a desmontagem de seus mecanismos econômicos, é uma tarefa controversa. Tal assertiva é evidenciada pela concepção difusa de que estudar cinema é mais dignificante, por exemplo. Ou mesmo pelo fato de que os quadrinhos, recentemente, vêm ganhando *glamour* na Academia ao adquirirem o *status* literário de *graphic novels*, expressão geralmente atribuída a Richard Kyle, nos idos de 1964, e popularizada por Will Eisner. Entretanto, a tevê permanece com pouca credibilidade na esfera intelectual. Deve-se ressaltar

---

<sup>1</sup>Michelle Santos é professora de História Moderna e Contemporânea na Universidade Estadual de Goiás, *campus* de Formosa, e mestre em história pela Universidade de Brasília. Lidera o GPTEC – Grupo de Pesquisas em Imagens Técnicas – na UEG-Formosa, dedicado a investigar as particularidades de imagens artísticas (literárias, cinematográficas e de outras mídias) em suas diversas faces, desde a proposta estética de que são tributárias até o debate em torno das novas experiências de representação fornecidas pelas atuais tecnologias. Foi professora substituta na UnB, em 2009, lecionando na área de História Social e Política Geral (séculos XIX e XX). Vem se dedicando a estudos e debates que articulam: arte e meios audiovisuais, literatura, educação, história. E-mail: [michelle.santos0803@gmail.com](mailto:michelle.santos0803@gmail.com).

<sup>2</sup>JOST, François. *Compreender a Televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 22.

<sup>3</sup>MARCELLE, Pierre. *Conte la télé*. Lagrasse: Verdier, 1998, p. 15.

ainda, que ela é insuficientemente estudada pelos historiadores, pedagogos e literatos brasileiros, a despeito de sua imensa importância e presença em nosso país. François Jost assinala, inclusive, que “a televisão é sem dúvida a única mídia que mobiliza cotidianamente a atenção de todas as outras”<sup>4</sup>.

Recai ainda sobre a tevê, de modo tão concentrado quanto enfadonho, o legado crítico dos frankfurtianos sobre a Indústria Cultural e a produção serializada. Theodor Adorno e Max Horkheimer talvez sejam os expoentes de uma visão que ainda impregna a concepção de sociólogos, midiólogos e estudiosos de toda ordem, que se debruçam sobre as produções audiovisuais, reconhecendo-as, sobretudo, como embrutecedoras, manipuladoras e, por isso mesmo, desprezíveis<sup>5</sup>. A questão, contudo, é antiga e vem acompanhando o processo de massificação das mídias: primeiro o romance, depois o rádio, os *comics* e o cinema, por fim, a televisão e o computador com acesso a internet. Esse ranço crítico, no entanto, permanece mesmo nos dias atuais quando o assunto é a TV. E ele não se limita a uma bibliografia poderosa, que vai de Jean Baudrillard a Pierre Bourdieu, uma vez que pode ser notado também em filmes contemporâneos. Enquanto o rádio e o cinema renderam belas homenagens e declarações de amor em longas como *A Última Noite* (Robert Altman, 2006), *A Era do rádio*, *A Rosa Púrpura do Cairo* (Woody Allen, 1987 e 1985), *Cinema Paradiso* (Giuseppe Tornatore, 1989) e o mais recente *A Invenção de Hugo Cabret* (Martin Scorsese, 2012), e a internet fascina por se revelar cada vez mais e inapelavelmente como a mola-mestra de nosso mundo, como retratado no oscarizado *A rede social* (David Fincher, 2010) e no badalado longa argentino *Medianeras: Buenos Aires da Era do Amor Virtual* (Gustavo Taretto, 2011), a TV, por sua vez, ficou no meio do caminho, e é abordada fundamentalmente nas vertentes da espetacularização, do consumo, da alienação e da vulgarização. De *blockbusters* como *Hairspray* (Adam Shankman, 2007) a roteiros mais elaborados como *O Show de Truman* (Peter Weir, 1998) o tom é esse, geralmente enfocando os bastidores e o funcionamento – viciado – dessa mídia.

O rádio parece ter sido musealizado, romantizado e associado a uma era dourada perdida, já a internet atrai e embasbaca cineastas destacadamente por sua faceta democrática e por sua

<sup>4</sup> JOST, François. *Compreender a Televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 21.

<sup>5</sup> Ver principalmente o ensaio *A Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das massas*, parte da seleção de textos do autor feita por Jorge Mattos Brito de Almeida. ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural. O iluminismo como mistificação das massas*. In: ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. Seleção de Textos de Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 7-74.

interatividade, com serviços de correio eletrônico, comunicação instantânea e compartilhamento de arquivos. Sem contar as arrebatadoras filmagens sobre filmes, verdadeiras preciosidades do metacinema, casos de *A noite americana* (François Truffaut, 1973), *O desprezo* (Jean-Luc Godard, 1963).

Só que, ainda nas primeiras décadas do século XX, teóricos como Walter Benjamin já tentavam conciliar arte, conhecimento e divertimento, meios culturais de massa e estéticas e atitudes revolucionárias, uma vez que oferecem recursos para a mudança, estes meios não servem apenas como instrumento de dominação<sup>6</sup>. É o que Luiz Fernando Carvalho se esforça em realizar na TV brasileira. Após décadas de trabalho, no entanto, não existe no contexto editorial do país uma publicação que elabore reflexões sobre seus experimentos. Ele poderá significar para a dramaturgia de televisão aberta no Brasil o que representaram Cildo Meireles para as artes plásticas, Oscar Niemeyer para a arquitetura, Glauber Rocha para o cinema, João Gilberto para a música?

Apesar dos contratemplos e das dificuldades, Carvalho é um apaixonado por televisão, e insiste em revolucioná-la, em mostrar suas possibilidades infinitas, ainda que isso redunde em “cicatrices”, como no caso da adaptação de *A Pedra do Reino*: “Ela é hermética mesmo, assim como o romance. Ainda tenho as costas cheias de cicatrizes por ter feito *A Pedra do Reino* como fiz. Talvez tenha testado radicalmente os limites da TV”<sup>7</sup>, disse ele. Embora *Cidade dos Homens* e principalmente *Som & Fúria* de Fernando Meirelles, além de *Clandestinos – O sonho começou*, de João Falcão e Guel Arraes, evidenciem que o diretor carioca não está só nessa tentativa de propor novos formatos, certamente, foi mesmo ele quem mais insistente e drasticamente flertou com os limites dessa mídia.

Diante do exposto, mostramo-nos em sintonia com as constatações de Beatriz Sarlo e outros estudiosos da cultura que clamam por pesquisas que privilegiem a diferença na história, o “vestígio daquilo que se opõe a normalização”, ou seja, a exceção, a originalidade, e não o padrão<sup>8</sup>. Sendo a educação visual um corolário da estética de Luiz Fernando Carvalho, interessa-nos ainda refletir sobre a TV como fonte de aprendizado bem como sobre seu poder

<sup>6</sup> Ver especialmente o também clássico texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas, Volume 1, p. 165-196.

<sup>7</sup> VILLALBA, Patrícia. Freud explica. *Estadão*, São Paulo, 11 nov. 2010. Disponível em: < <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,freud-explica,635078,0.htm> >. Acesso em: 12 mar. 2011.

<sup>8</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras/ Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 15-16.

sócio-pedagógico, contribuindo assim para um debate mais amplo que articula mídia-arte-história e educação.

### **Mídia-arte-história e educação**

Com a expressão ‘estética educativa’ pretendemos evocar cores, texturas, sons, palavras, imagens e também referências relacionadas a outros meios, expressões e tradições artísticas pressupostas pelo diretor Luiz Fernando Carvalho (LFC) em suas minisséries de televisão e/ou intuídas pelo telespectador. Sua forma de fazer televisão é também um meio para produzir cinema, teatro, pintura e revelar-nos mundos literários e históricos. E, quando digo história, não me refiro apenas a procura desenfreada por contextos, espaços e épocas precisos, Portugal do século XIX e Rio de Janeiro no Segundo Império, como em *Os Maias* e *Capitu*, mas ao fato de que as minisséries possuem sua própria história e um contexto social que as cercam e as tornam possíveis (desenvolvimento técnico); a presença de múltiplas temporalidades em um único tempo, o tempo da narrativa – fato que reconhecemos desde Fernand Braudel, na forma da célebre tríade estrutura-conjuntura-evento.

Essas referências se combinam de forma engenhosa e inventiva em multimídias fabricadas pela eletrônica e pela imaginação. Sem dúvida, os complexos intercâmbios das técnicas narrativas de diferentes meios mobilizados pelo diretor fazem de sua teledramaturgia um símbolo da cultura da convergência.

Aqui entra a discussão sobre a importância das novas tecnologias para a criação artística, para o espetáculo audiovisual e para os processos formativos que se valem delas. *Afinal, o que querem as mulheres?* usou muitos recursos dessa ordem, como a animação em *stop-motion*, raríssima em nossas telas, porque exige tempo e coragem, pois explicita o artificialismo. Trata-se de uma técnica de animação que permitiu que, nos delírios do protagonista, André Newmann (Michel Melamed), seu psiquiatra e orientador se transformasse em um boneco de massa do ‘pai da Psicanálise’. Essa técnica produz a animação quadro a quadro, utilizando sequências de fotografias para simular movimentos, que são editadas em avançados programas de computador. O resultado são efeitos artísticos apreciáveis e distinguidos.

Em relação às produções de LFC apreendemos estética como tudo aquilo que adorna e embeleza a existência de uma obra, que torna poética e sublime uma experiência artística (do autor e do receptor). Nesse momento uma ressalva faz-se essencial, quando me refiro às minisséries *Os Maias* (2001), *Hoje é dia de Maria* (2005), *A Pedra do Reino* (2007), *Capitu* (2008) e *Afinal, o que querem as mulheres?* (2010) como ‘produções de LFC’ não ignoramos

o fato de que uma minissérie de TV é sempre uma obra coletiva. A questão da autoria já é complicada no caso da literatura. Lidar com a autoria na televisão é ainda mais complexo. Por um lado, tais obras foram dirigidas e produzidas por uma única pessoa, mas toda minissérie é resultado de centenas de indivíduos, entre atores, empresários e técnicos, figurinista, maquiador, direção de arte e de fotografia, que realizam as diversas funções dessa mais capitalista das artes. Para simplificar o argumento, assumimos que essas ficções são produto de seu diretor e idealizador, Luiz Fernando Carvalho, mas trata-se de uma simplificação quase grosseira.

Sem negar que uma minissérie de TV é uma arte industrial, ou seja, que não há um artista solitário, destilando seu gênio dentro de quatro paredes, mas uma equipe com profissionais de todos dos gêneros, a abordagem escolhida assume-se sensivelmente dependente do ponto de vista do diretor. Seu papel é multidimensional, abrange aspectos criativos, técnicos e artísticos. Ele ainda gerencia toda a equipe de pré-produção, filmagem e pós-produção e suas decisões, nesse caso específico, perpassam todas as áreas. Nas obras que assinou, Luiz Fernando Carvalho é o centro ao qual convergem as decisões do que será levado ao ar. Falarei, pois, da 'estética educativa' de LFC, pois sem abstrações e generalizações desse tipo é impossível fazer história, mas é capital que os historiadores estejam alertas para a sua arbitrariedade, como já ponderou Peter Gay<sup>9</sup>.

Com todas as técnicas, cuidados e preciosismos possíveis, o diretor trabalha em um nível gigantesco de exigência, como podemos acompanhar no fragmento abaixo, extraído de uma matéria assinada por Patrícia Villalba,

Luiz Fernando confirma que é seu maior crítico. "Não consigo rever nada do que fiz, tenho vontade de mudar tudo. Nunca assisti ao *Lavoura Arcaica* numa sala de cinema. Vez por outra ajustando a projeção, vi partes na cabine, e já foi muito para mim. Outro dia, zapeando, passei pelo *Lavoura* sendo exibido no Canal Brasil, desliguei e fui dar uma volta no quarto", lembra o diretor, perfeccionista reconhecido e assumido.

Nos depoimentos de seus colaboradores, podemos ler ainda:

É um rigor encantador, como define Michel Melamed, e que rende histórias. Autora da adaptação de *Os Maias* (2001), de Eça de Queiroz, Maria Adelaide Amaral se lembra bem da ansiedade que antecedeu o primeiro episódio da minissérie, que foi ao ar pela metade porque, de tanto ser rigoroso, o diretor não conseguiu terminar a

<sup>9</sup> GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média (1815-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 27.

tempo. "Acabou indo ao ar apenas metade, e isso foi um transtorno para mim porque desorganizou todos os ganchos, e também para ele", conta ela, dando a dica, em seguida, de que não restaram ressentimentos. "Continuo achando que Os Maias é a melhor obra da carreira dele. E da minha."<sup>10</sup>

Para melhor compreender essa busca exacerbada pela perfeição e pelo sublime, o livro *A beleza salvará o mundo*<sup>11</sup> do ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov é imperativa. Nela, o autor lida com a busca pelo absoluto do irlandês Oscar Wilde, do alemão Rainer Maria Rilke e da russa Marina Tsvetaeva, ancorada, respectivamente, na concepção da “vida sob o signo do belo”, nas ideias primordiais do “mal de amar” e de se colocar “a serviço da arte” e, finalmente, na crença da “existência à luz da arte”.

Um recuo panorâmico sobre as minisséries produzidas pela Rede Globo de televisão nos indica um tom predominantemente realista – quando não melodramático e maniqueísta. Por isso, em uma entrevista que o referido diretor cedeu para o *Estado*, enquanto dirigia *Afinal, o que querem as mulheres?*, podemos ler o seguinte: “A minha trajetória é muito solitária, com tudo de bom e ruim que essa palavra possa ter junto dela”. “E eu estou sempre buscando caminhos novos, por isso, solitários”<sup>12</sup>.

Para o diretor, prossegue o jornal, o mercado, na sua grande maioria, só prestigia as consagrações imediatas, uma vez que o conceito de formato, a lógica da oferta e o indicador de audiência, em que a emissora necessita mostrar-se sensível às questões e aos interesses do grande público, e a relação com a publicidade, em outros termos, com os anunciantes e os patrocinadores são elementos importantes para a compreensão de como opera uma emissora como a Globo. Assim, dadas as pressões por lucro e do IBOP (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), a experimentação, a exploração de novas possibilidades de se comunicar e registrar que estão disponíveis na sociedade, a ruptura com a TV clássico-narrativa praticamente não têm espaço nos canais de televisão gratuitos, e é a partir dessa perspectiva que se pode concluir que muitas características da ‘arte industrial’ de LFC são inovadoras, vanguardistas. Se as novelas e as minis antecedentes apresentam uma forma que

<sup>10</sup>VILLALBA, Patrícia. Freud explica. *Estadão*, São Paulo, 11 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,freud-explica,635078,0.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

<sup>11</sup>TODOROV, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

<sup>12</sup>GLOBO estreia hoje ‘Afinal, O Que Querem As Mulheres?’ *Estadão*, São Paulo, 11 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,globo-estrela-hoje-afinal-o-que-querem-as-mulheres,638377,0.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2012.

se mantém relativamente estável, se não mesmo totalmente estável, ele pensa em outros suportes artísticos para criar suas narrativas na tevê.

Formado em Arquitetura e Letras, Luiz Fernando Carvalho enveredou pelo cinema e passou a integrar o núcleo de minisséries da Rede Globo em 1980. É sobre esse trabalho diferenciado, que pode ser visto como um verdadeiro marco na história da teledramaturgia nacional, que essa pesquisa pretende lançar luz, a partir da intenção sempre reiterada pelo diretor de trabalhar para a reeducação do espectador por meio da estética, libertando-o, em seus próprios termos, de “toda uma consciência hegemônica do que vem a ser uma produção audiovisual, do que vem a ser uma adaptação oficial”. Para tanto, retomará três minisséries que ele dirigiu: *A Pedra do Reino* (2007), *Capitu* (2008) e *Afinal, o que querem as mulheres?* (2010), sem abrir mão de realizar diálogos e inferências com suas outras produções, anteriores ou posteriores as selecionadas.

O sucesso das jornadas de *Maria* (2005) abriu caminho para o *Projeto Quadrante*, que nos interessa de perto nessa pesquisa, assim nomeado por abranger quatro obras literárias de distintas regiões do país: além de Paraíba (*A Pedra do Reino*) e do Rio de Janeiro (*Capitu*), o Amazonas (*Dois irmãos*, do amazonense de origem libanesa Milton Hatoum) e o Rio Grande do sul (*Dançando tango em Porto Alegre*, do gaúcho Sérgio Faraco), ainda não filmadas<sup>13</sup>. Assim, percebemos um claro deslocamento de *Os Maias* (2001), onde ainda prevalece um tom realista, para *A Pedra do Reino* e *Capitu*. Mais alegóricas, tais obras apelam a uma estética teatral e metaficcional. Há nelas, como em *Afinal*, um culto do artifício.

No *Quadrante*, a ideia de LFC consiste em juntamente com sua equipe trabalhar com literaturas locais, mobilizando talentos regionais, atores, artesãos, músicos, em oficinas que resultariam em centros de cultura. Assim, o cenário, o figurino e os objetos de cenada minissérie *A Pedra do Reino* foram feitos por artesãos nordestinos – e depois expostos no Rio de Janeiro –. Para LFC eles também ajudaram a interpretar o texto de Ariano, em consonância com o desejo do diretor em não transformar pura e simplesmente as paragens das gravações em cartões-postais, estabelecendo trocas com eles e seus nativos. O elenco junto à equipe da produção se instalou por três meses em Taperoá, na Paraíba, cidade natal de Suassuna, e como nos informa a matéria de Carla Meneghini,

---

<sup>13</sup> Ver o site do PROJETO Quadrante. Disponível em: <<http://quadrante.globo.com/>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

No elenco, não há caras famosas. Os 50 atores foram escolhidos no próprio Nordeste, em grupos teatrais e circenses locais. Os poucos rostos conhecidos da TV são Luiz Carlos Vasconcellos, que atuou na novela “Senhora do destino” e “Carandiru – Outras histórias”, e Cacá Carvalho, o Jamanta de “Belíssima”, ambos também nordestinos.

Entrementes, os espectadores não se envolveram com a saga de *Quaderna* com o mesmo interesse e entusiasmo com que assistiram *Hoje é dia de Maria*, que obteve 34 pontos em sua estreia. A narrativa extremamente densa e complexa, com uma trama mais adulta dificultou a audiência da obra, deixando a Globo atrás da Record e do SBT, amargando 12 pontos no capítulo inaugural, foi a menor audiência da emissora nesse horário (22h30 às 23h30), desde que o IBOPE começou a ser medido com os métodos atuais<sup>14</sup>.

*A Pedra do Reino* é tanto uma homenagem à ancestralidade histórica, literária e artística quanto ao universo encantado de Ariano Suassuna. Ou seja, é toda ela montada recorrendo à tradição do misticismo e do sebastianismo, a tradição do *aedo*, trovadoresca, medievale quixotesca, sem abrir mão das cavalhadas e do universo regionalista, monarquista e circense. Embora essa busca por uma brasilidade soe um tanto ‘bizantina’, o fato de ela ser multifacetada e composta por elementos apropriados de todo o mundo, do barroco a linhagem dos poetas e autores cegos (Homero, Luís Vaz de Camões, John Milton, Jorge Luís Borges) ou que escreveram na prisão, indica sua fuga da ideia de uma cultura genuína, pura. A ação cultural do educador-diretor, por meio desse intercâmbio da experiência humana acumulada, revela-se aqui em toda sua potência.

O que nos leva, fatalmente, a uma questão de método, não nos interessa aqui fazer um estudo focado na noção de adaptação ou na maneira encontrada por LFC para traduzir nas telas da televisão os romances nos quais baseia suas microsséries, numa análise comparativa. Em que medida ele os mimetiza ou subverte é uma questão marginal. Com a sensibilidade aguçada, o próprio Ariano Suassuna pareceu pressentir a maneira como enxergamos “a beleza” de Luiz Fernando Carvalho,

Posso dizer, então, que ele excedeu tudo o que eu esperava, e sua obra é um êxito artístico que, na minha opinião, superou qualquer outra exibida até agora por nossa Televisão. Superou até as outras obras anteriores suas, o que digo consciente de que

<sup>14</sup>Os dados são do IBOPE na Grande São Paulo. Cada ponto no IBOPE equivale a 54 mil domicílios ou 176 mil pessoas na Grande São Paulo. RECORD bate Globo e "A Pedra do Reino" na guerra do ibope. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jun. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u303962.shtml>>. Acesso em: 04 set. 2012.



a causa de toda aquela beleza não está no romance do qual ele partiu. E se o sucesso de *A Pedra do Reino* não for igual ao seu êxito, isto somente se deverá ao fato de que a obra de Luiz Fernando Carvalho está à frente do nosso tempo – por sua ousadia, por sua coragem, por sua beleza e pela nova linguagem que, como toda grande obra de arte, ela representa e impõe.

Mesmo afirmando anteriormente que o diretor “captou inteiramente o espírito do romance e meu universo de escritor, cuidando de cada cena como se fosse um quadro”, Suassuna sabe e conclui, como podemos ler acima, que está diante de uma obra totalmente nova, inédita, que, embora tenha respeitado o texto original – usado de forma literal, como nas demais minis –, acabou por criar, pelo tratamento visual, uma “aproximação” surpreendente, impondo suas próprias concepções de narrador, personagem, tempo e espaço ficcionais.

No que diz respeito à *Capitu*, o diretor se esforçou em realizar um programa sobre *Dom Casmurro* atraente para os jovens, que geralmente alimentam preconceitos em torno da obra de Machado de Assis, por esta ser obrigatória no Ensino Médio. Sua estratégia didática abrangeu uma trilha sonora com canções de rock e pop, da banda de rock clássico *Black Sabbath* à banda de folk rock *Beirut*, passando por *Manacá*, conjunto independente da atriz que interpreta a jovem Capitu, Letícia Persiles. Visualmente, o diretor recorreu a filmagens em locações fechadas, como em *Moulin Rouge* (2001), de Baz Luhrmann, e ao clima operístico e não-realista. Mais uma vez, apenas Eliana Giardini, que interpretou a mãe de Bentinho, e Maria Fernanda Cândido, que se fez passar por Capitu adulta, são conhecidas da grande mídia e das novelas da Rede Globo, os demais nomes vêm em sua maioria do teatro.

A TV Globo considerou inexpressiva e desastrosa a audiência das duas primeiras obras do *Quadrante*, para um custo de produção muito alto, o que a fez suspender o projeto. Fora dele, a escolha da minissérie *Afinal, o que querem as mulheres?* justifica-se pela curiosidade em compreender como o diretor lida criativa e esteticamente com roteiros originais, pois até então ele só havia levado à televisão releituras de obras clássicas da literatura portuguesa e principalmente brasileira.

Quais são, então, as estratégias usadas pelo diretor para ‘formar’ e ‘polir’ o espectador, que ele vê “emburrecido por uma massificação”, e como elas foram apresentadas e recebidas pelos jornais *Super Notícia* (MG), *Folha de São Paulo* (SP) e *O Globo* (RJ)? São eles os periódicos impressos mais lidos no país, segundo o Instituto Verificador de Circulação, uma entidade nacional e oficial, que é referência quando o assunto é a auditoria de circulação de

jornais e revistas brasileiros<sup>15</sup>. Estes, por sua vez, nos darão ocasião para perscrutarmos as possibilidades, os limites e os paradoxos dessa estética responsável de Luiz Fernando Carvalho.

Ao diretor, a palavra:

Ao meu modo, faço esse caminho de buscar uma espécie de reeducação do espectador a partir das imagens, dos conteúdos, da forma, da narrativa, da luz, das personagens, da música, enfim, da estética. E, como sabemos, a estética é filha da ética. Não estou aqui falando mal da televisão. Eu gostaria na verdade de encontrar nosso país mais voltado para as questões educacionais, acho que isso já suavizaria meu esforço em 50%... Porque eu também não gosto de explicar muito o meu trabalho, nem sei se sou capaz. Mas ele dialoga diretamente com a questão da educação. A televisão precisa formar espectadores, é certo, faz parte do trabalho dela, mas ela também precisa assumir uma missão mais nobre, maior, que é a de formar cidadãos<sup>16</sup>.

Seu objetivo é que “aquilo que para o homem de cultura média é adquirido e seguro torne-se também patrimônio para o homem mais comum, pobre”, por isso cultiva sempre um “diálogo espiritual” com grandes mestres do cinema, da literatura, enfim, da história da arte, como Luchino Visconti, “esse grande criador que tem muito de ópera”, e Fiódor Dostoievski, “o maior cineasta do mundo”<sup>17</sup>, usados para compor *Capitu*.

Onde está o propalado ‘objetivo social’ de suas obras: na promoção da literatura e no aumento dos índices de venda de livros, no caso das adaptações? Na elevação do nível dos programas de TV que, em sua concepção, está muito baixo, ou seja, ele almeja fazer o público se acostumar com uma linguagem mais refinada? Pois, a massa, acredita LFC, ainda não está preparada para apreciar obras com esse nível de sofisticação, daí a necessidade de educá-la gradualmente, no intuito de familiarizá-la – e, subsequentemente, acostumá-la – com ‘tanta qualidade’, de forma que ela mesma a exigirá futuramente. Trata-se de uma cruzada contra o grotesco e o clichê predominantes.

#### Fontes:

VILLALBA, Patrícia. Freud explica. *Estadão*, São Paulo, 11 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,freud-explica,635078,0.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

<sup>15</sup> Ver o site com “a mais completa base de dados sobre circulação de jornais no Brasil com ranking nacional, regional e estadual”. IVC Brasil. Disponível em: <<http://www.ivcbrasil.org.br/>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

<sup>16</sup> CARVALHO, Luiz Fernando (et al). *Capitu*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 83.

<sup>17</sup> CARVALHO, Luiz Fernando (et al). *Capitu*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 77, 82.

GLOBO estreia hoje ‘Afinal, O Que Querem As Mulheres?’ *Estadão*, São Paulo, 11 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,globo-estrela-hoje-afinal-o-que-querem-as-mulheres,638377,0.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2012.

RECORD bate Globo e "A Pedra do Reino" na guerra do ibope. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jun. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u303962.shtml>>. Acesso em: 04 set. 2012.

PROJETO Quadrante. Disponível em: <<http://quadrante.globo.com/>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

IVC Brasil. Disponível em: <<http://www.ivcbrasil.org.br/>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

#### **Referências Bibliográficas:**

JOST, François. *Compreender a Televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MARCELLE, Pierre. *Conte la télé*. Lagrasse: Verdier, 1998.

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. Seleção de Textos de Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas, Volume 1.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras/ Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média (1815-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

CARVALHO, Luiz Fernando (et al). *Capitu*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.